

A trama do olhar

Edilene Freire de Queiroz

O pensamento do homem se realiza, essencialmente, por meio de imagens ópticas, e, sem o olhar do Outro, não existimos. Destacamos, neste trabalho, a importância das primeiras impressões visuais na organização psíquica do ser falante. Antes de a criança ser capaz de falar, ela vê e integra as impressões apreendidas na relação com o Outro. Se o olho é o órgão de apreensão da realidade, o olhar é o primeiro objeto de desejo e pode ser concebido como um primeiro objeto, que transiciona entre o bebê e a mãe. Expomos a posição de alguns autores pós-freudianos que têm discutido a função do olhar como antecipatória da organização do eu.

Palavras-chave: Olhar, pulsão escópica, estádio do espelho, estádio do véu

*Numa floresta, repetidas vezes senti que não era eu que olhava a floresta.
Em certos dias, senti que eram as árvores que olhavam para mim...*

André Marchand

Somos seres olhados no espetáculo do mundo, observa Merleau-Ponty (1945). O olhar persecutório do paranóico nos ensina que somos olhados por todos os lados. Sem o olhar do outro, não existimos, mas a maneira como somos olhados define um destino.

O pensamento no homem se realiza, essencialmente, por meio de imagens ópticas. Na obra de Freud inúmeras passagens atestam a importância do olhar na organização do aparelho psíquico: desde as técnicas de hipnose, nas quais entram em jogo o olho e o olhar do sujeito, aos quadros patológicos, a começar pela histeria, e à formação dos sonhos. Na clínica de Charcot, as histéricas, pela encenação, revelavam o que subjazia ao recalque, ou seja, o desejo de serem olhadas. Na discussão do caso Ana O., Freud pôs em relevo o que o olho é capaz de ver e como as imagens produzidas podem voltar-se para o sujeito e perturbá-lo. O processo psicoterápico proposto por ele leva em consideração que há uma desobstrução quando se transpõe a visão em palavras. Na psicopatologia, pode-se empreender interpretações, tomando o olhar como causa. Para o paranóico, como já mencionamos, há um olhar persecutório; o *voyeur* interroga, pelo olhar, o que falta no Outro; o exibicionista espreita no olhar do Outro o sinal de cumplicidade de seu gozo; o homossexual exige do seu parceiro que este mostre o que ele tem; a histérica demanda insistentemente ser olhada, mas para confirmar que nela não há falta; já o psicótico como vê com o olhar do Outro que o invade; a cena se passa fora dele.

Na perversão, o olhar é o primeiro argumento para efeito de uma análise diagnóstica. Se o neurótico vive na incerteza de que é olhado e duvida da autoria do olhar – se pertence a ele ou ao Outro –, o perverso possui um saber sobre o caráter deficitário do olhar e procura meios de combater o *déficit*, ou complementá-lo. Primeiramente, o perverso se apropria do olhar do Outro e se torna um olhante, ou seja, transforma-se no protagonista da ação de olhar. Diferente do psicótico, que é invadido pelo olhar do Outro, o perverso toma posse desse Olhar; assim, interroga o que falta ao Outro com o recurso da lente deste, para, então, editar uma lei aos outros. Desse lugar Outro ele observa e goza. Sciarra (1999), em *J'ai une passion de l'oeil* apresenta um caso de *voyerismo* cujo analisante é um fotógrafo. Alguém, campeando-se para o lado do Outro, sai do cenário de ser fotografado, para fixar o olhar numa cena e fotografá-la. Com tal intuito ele diseca a pele e penetra todos os orifícios.

Em todas as aludidas configurações, há sempre o caráter traumático da imagem visual. A lembrança das imagens contamina os sonhos e os pensamentos do sujeito, fazendo-o sofrer. A própria noção de regressão, em Freud, associa-se à visão, à imagem, pois ela significa uma volta da representação para a imagem sensorial. Os processos primários são caracterizados pela prevalência de representação de coisas, e não de palavras, portanto, governados pelas imagens.

Tudo isso só faz reforçar a importância das primeiras impressões visuais na organização psíquica do ser falante que, antes de ser capaz de falar, vê e integra as impressões apreendidas na relação com o Outro. Se o olho é o órgão de apreensão da realidade, o olhar destaca-se como primeiro objeto de desejo e pode ser concebido como um primeiro objeto transicional do bebê na sua relação com a mãe.

O olhar na organização psíquica

A criança é capaz de olhar para além do visível. Na obra de Saint-Exuperry, por exemplo, o pequeno príncipe consegue ver o elefante na barriga da jibóia, porque ele olha para além do visível. Do mesmo modo, no conto de Anderson, também é a criança que consegue enxergar a nudez do rei, para além do dito da roupa nova do rei. A criança, tal qual um *voyeur*, foi capaz de ver o que se escondia por detrás da representação. No Seminário *Os quatro conceitos fundamentais*, Lacan (1964-1965) indica que o que o *voyeur* procura e encontra é senão uma sombra atrás da cortina, ou seja, a ausência do *phallus*. Isso porque o buraco o fascina. Assim, no conto de Anderson, enquanto os demais embarcam no significativo “roupa nova”, o menino viu o que estava além dele, sua ausência.

Mas, antes de a criança ser capaz de olhar e de decifrar verdades, ela é banhada pelo olhar do Outro primordial. O olhar antecipa o verbo e gera uma linguagem: o “manhês”.¹ A mãe olha o bebê e lhe atribui um discurso. Ela fala com e pela criança. Assim, antes de a criança adquirir o domínio da linguagem, o Outro fala por ela, mas imprimindo, no pequeno ser, sua marca. De outra parte, o jovem falante segue o olhar dos adultos para descobrir o que eles estão falando. Portanto, não basta somente a palavra, o signo verbal, o olhar é também significante e imprime significações ao dito. Muitas vezes, tal gesto é imperceptível aos adultos. Dare Baldwin (*apud* Szczesniak, 2004), da Universidade de Oregon, nos Estados Unidos, realizou um experimento com bebês de 18 meses: eles recebiam um brinquedo que seguravam durante um certo tempo, enquanto a pesquisadora dizia: “é um modi”. Concomitantemente a pesquisadora, olhando um outro brinquedo, colocava-o em um balde. Mais tarde, os bebês não chamavam de “modi” o brinquedo que seguravam, e sim, o do balde, já que era para este que a pesquisadora olhava.

Consoante Collete Soler (2004), comentando Lacan, a mulher como mãe faz falar o pequeno homem e transmite-lhe “alingua” que tem efeitos inconscientes. Não se trata, nessa transmissão, de um exercício cognitivo, pois “alingua” não é, para cada um, o idioma; ela é a língua privada do casal originário – da mãe e seu bebê prematuro –, é a língua de Eros, do primeiro corpo a corpo, na qual as palavras deixam marcas, formam traços. A mãe medeia um discurso no qual não pode deixar de colocar seu jeito, sua marca,² que se transfere pelo olhar, pelo gesto. Tudo isso se dá num tempo em que o pequeno ser imaturo não domina a linguagem e o discurso opera, muitas vezes, num plano não-verbal ou pré-verbal.

Segundo Assoun (1990), o olhar e a voz são dois objetos suplementares no mesmo nível do seio e das fezes. Para ele, esse aparelhamento possibilita a função do desejo/demanda e função do Outro e o objeto fálico se constitui no quinto objeto – o objeto permutador que viabiliza a circulação dos demais. O autor destaca que o objeto oral está sempre referido à demanda do Outro, enquanto

1. Termo cunhado por Severina S. Oliveira Ferreira (1990), uma psicanalista brasileira que desenvolveu uma dissertação sobre a linguagem, produzida pelas mães, na relação com os seus bebês.
2. Texto original: “Lacan rappelait, dans son séminaire Encore, que la femme como mère fait parler le petit homme, et que, dès lors qu’il lui revient de transmettre ‘lalangue, elle ‘a de effets d’inconscient’ Il ne s’agit pas d’une transmission d’un exercice cognitif, car ‘lalangue’ n’est pas seulement pour chacun l’idiome de sa contrée, elle est d’abord la langue privée du couple originnaire de la mère et de son petit ‘prematuro’, la langue de l’Éros du premier corps à corps, dont les mots font trace pour la jouissance qu’ils recèlent. Mais la mère n’est pas moins médiatrice d’un discours où elle ne peut manquer de mettre ses plis” (Soler, 2004, p. 117).

o objeto anal, à demanda ao Outro, ou seja, a satisfação anal produz uma reviravolta na relação eu-outro. Paralelamente, o objeto escópico se referirá ao desejo pelo Outro e o objeto vocal ao desejo do Outro. Ambos refletem posturas pulsionais na relação Eu-Outro: o primeiro, no eixo do eu; o segundo, no eixo do Outro.

Consoante o mesmo autor, ver é uma das funções suscetíveis de fixação e ela bordejia o tocar e o cheirar. Ao observarmos os bebês evidencia-se tal afirmativa: o objeto que a criança vê também quer ela tocar. Trata-se, portanto, de pulsões muito arcaicas. Elas é que organizam a sexualidade, mais precisamente, a excitação sexual. Em torno delas Freud indica a criança como um perverso polimorfo (*voyeurismo/exibicionismo*, *masoquismo/sadismo*), sempre numa situação de par.

Aquilo que no início era apontado como perversões, de certa maneira *de facto*, no par “*voyeurismo/exibicionismo*”, acha-se de certa forma metapsicologicamente deduzido e reconstituído, conforme uma seqüência que denota uma verdadeira lógica escópica ternária: a) o olhar como uma atividade dirigida ao objeto estranho; b) o abandono do objeto, a conversão da pulsão escópica (...) em direção a uma parte do corpo próprio, assim como a conversão em passividade e a ereção de um novo alvo: ser olhado; c) a instauração de um novo sujeito ao qual algo se mostra para ser por ele olhado (Assoun, 1999, p. 50).

Estamos diante de uma erótica do olhar cuja ação ativa de olhar e ação passiva de ser olhado produzem uma erupção pulsional e passiona. A primeira significa uma ação direcionada ao objeto; a segunda, a manutenção de uma proximidade narcísica. Porém o vínculo do sujeito com o objeto pulsional se dá de forma reflexiva, pois na posição de objeto é que o sujeito “faz-se ver”, “faz-se desejo do desejo do Outro”.

A pulsão escópica

Muito há para se compreender sobre a pulsão escópica. No Seminário sobre *Os quatro conceitos fundamentais*, Lacan (1964-1965) trata da esquizo do olho e do olhar e acrescenta às pulsões orais e anais, propostas por Freud, as pulsões escópica e invocante. Ver é função do olho e olhar é objeto da pulsão escópica, do mesmo modo que ouvir é função do ouvido e a voz é objeto da pulsão invocante. Nesse contexto, o olhar, como objeto *a*, longe de assegurar a possibilidade da visão, é o que não deixa ver o objeto, porque o atravessa. Há, segundo Lacan, um certo triunfo do olhar sobre o olho. Por isso, para ele, o olhar adquire um estatuto ontológico na constituição do ser humano, enquanto o Estádio do Espelho figura como paradigma da formação do Eu.

De acordo com o referido autor – importa frisar –, o olhar não está do lado do sujeito, mas do lado do objeto, enquanto objeto *a*. Portanto, não há como confundi-lo com o olho que vê. A esquizo do olhar é justamente a divisão que se opera no sujeito e que produz uma dialética do engano, do desmentido: do visível e do invisível. Isso significa que nunca se pode ver a imagem do ponto onde ela nos olha. Há um outro que nos olha e nos captura. O olhar é exterior ao sujeito, advém, primeiramente, de outrem. Nesse contexto, ressaltamos a negativa da *Verleugnung* como operadora de tal divisão e como fundante da alteridade, sujeito/outro na medida em que esta negativa lida com as impressões perceptivas do sistema perceptivo.

O olhar, segundo Quinet (2004), é causa do sujeito escópico e objeto da pulsão escópica; é esse objeto separado do sujeito, objeto perdido e, por isso, objeto *a* e um dos suportes do desejo do Outro. O olhar é, para o autor, o objeto pulsional por excelência, pois mostra mais claramente a falta de consistência do objeto *a* e a especificidade do laço do sujeito com a pulsão. Nesse sentido, ele estaria para além dos outros objetos pulsionais, porque não se apóia no objeto da necessidade, pois à pulsão escópica não corresponde nenhuma fase do desenvolvimento libidinal. Tal pulsão tem um lugar especial no desenvolvimento, na formação do Eu, no estabelecimento da relação primitiva com o Outro, como objeto causa da divisão.

Lacan reconhecia no olhar uma função antecipatória capaz de engendrar a primeira organização de eu – o eu especular – alienado no Outro e na imagem. Se, ao tornar-se ereto, o homem perdeu grande parte do sentido do olfato, substituindo-o pelo olhar, então, primeiramente através dele, o sujeito se organiza e se confronta com o diferente de si. Quinet (2004, p. 72) caracteriza a pulsão escópica como uma “pulsão despertador” na medida em que a atração pelo outro se dá pelo olhar, produzindo alterações químico-fisiológicas no corpo.

A lógica especular introduzida por Lacan desde 1936 é uma crítica à psicologia adaptativa que faz do Ego o lugar de ideal, dominante nos anos 50 na Psicanálise americana. Comenta Chaumon (2004) que a crítica feita por meio da construção da teoria do imaginário resgata, de um só golpe, um outro lugar para o termo “sujeito”. Ele inferiu tal conceito do texto freudiano, opondo-o ao de “ego”, termo por ele reservado ao que é da ordem do narcisismo. Essas questões terminológicas dificultam a passagem da leitura de Freud à de Lacan, pois o que está nomeado em Freud como *ICH*, a saber, o pronome pessoal “eu” em alemão, é traduzido por Lacan tanto como “sujeito” quanto como “ego”, amparado pelo fato de que, em francês, há dois termos para se referir ao “eu”: o “je” e o “moi”. Assim, ele resgata o que é próprio do inconsciente, a saber, o sujeito do desejo que em nada se aproxima do ego ajustado e civilizado da Psicanálise americana e, ao mesmo tempo, nos ensina a importância dessa pulsão na organização do eu.

O imaginário lacaniano leva em consideração o determinismo da imagem e tem o campo visual como espaço de encontro dos objetos perceptíveis. Ele parte do princípio de que há um efeito estruturante da imagem sobre o homem. A imagem tem um efeito sobre o real. A realidade governada pelo simbólico, através da lógica significante, é também feita de imaginário. Sem a imagem, não há representação possível, nem aparelho psíquico. Miller (2005, p. 307) observa que antes da Função e campo da fala e da linguagem Lacan pensava a psicanálise a partir do imaginário. Com esse texto ele introduz a instância do simbólico dando primazia a linguagem. Com isso atribui ao inconsciente uma estrutura de linguagem. Mas a referência ao imaginário continuou sendo sua pedra angular em relação ao qual o simbólico se diferencia. Por isso que cada vez que produz uma falha na dimensão simbólica, alguma coisa da ordem do imaginário é convocada para remediá-lo, ou seja, a toda falha simbólica responde uma inserção imaginária.

Essa pode ser considerada a premissa básica que sustenta toda a lógica do estádio do espelho e faz dele um fenômeno fundamental para a organização do eu do sujeito.

A trama do olhar e o estádio do espelho

95

O reconhecimento jubilatório da criança ao olhar-se no espelho se faz num jogo de aparecimento e desaparecimento, ou seja, de presença e ausência no campo especular. Ela realiza tal experiência, voltando seu olhar em direção ao adulto que assiste à cena, de quem solicita a confirmação de que a imagem projetada no espelho é ela. Isso se dá num movimento tríplice: ele se conhece no espelho, verifica que o outro atesta essa experiência e num terceiro movimento ele se re-conhece num novo olhar.

Essa experiência representa uma transposição/travessia decisiva: a criança passa, a partir de então, a ter uma representação unificada de si mesma. E isso se dá num momento da sua vida no qual ele está longe de dominar o próprio corpo, pois a descoordenação motora não lhe permite o controle do conjunto, razão por que, suas impressões perceptivas são sempre parciais. Miller (2005, p. 29) chama a atenção para a reconsideração feita por Lacan no Seminário 4, *Os quatros conceitos fundamentais*, do Estádio do Espelho, quanto ao desejo da mãe. Enquanto a imagem total é ele mesmo, o bebê, o efeito é de júbilo – “eu sou mais do que eu pensava” –, mas, quando ele se depara com a falta, o afeto é de depressão e a imagem total torna-se Outra. Ele se vê como incompleto e em *deficit* em relação à imagem total. O efeito depressivo comporta uma referência à onipotência da mãe, dissimulando a referência à sua falta. Então, ele se propõe ser o objeto fetiche da mãe, pois a imagem de si toma o sentido de ser o substituto da falta.

Pode-se deduzir, portanto, que a vivência especular é, ao mesmo tempo, jubilatória, por passar a ilusão de um domínio, de unidade reunida pela imagem; e dolorosa, por mostrar que essa imagem não corresponde à verdade da criança, que continua na dependência do outro. Ambas as versões subjetivas, Lacan as designa como a alienação essencial, pois o sujeito percebe sua forma num campo que está fora de si, no entanto, essa imagem dá consistência ao ego.

O estádio do espelho se organiza num jogo de ver e ser visto. Há o olhar do Outro que atesta a visão da criança e há o olhar como objeto. A criança se volta para encontrar no olhar da mãe, a confirmação do que ela viu. Entretanto, ao voltar-se para a mãe, a criança não só demanda confirmação do seu reconhecimento, observa Chaumon (2004), mas também busca se ver através do ponto de vista do outro, ou seja, ela interroga, no olhar do Outro, o que esse outro quer ver. Em outras palavras: o que eu vejo no espelho é o que tu desejas contemplar? Qualquer resposta suposta será sempre um desmentido da realidade do desejo do Outro, pois não se pode conhecer completamente o Outro nem saber qual o lugar que ele nos reserva ou qual lugar ocupamos no seu desejo. Por essa divisão, por esse duplo, por essa ilusão, o sujeito torna-se dividido, barrado. Lacan faz equivaler o duplo, também, do lado do Outro: outro com escrita minúscula e Outro maiúsculo. O primeiro é aquele que eu penso conhecer, porquanto eu o vejo como meu semelhante resultante da prova do espelho. O segundo é aquele que eu não consigo circunscrever, determinar. Tal divisão dá origem as duas formas de ideais do eu já propostas por Freud: uma forma ideal, imaginária, de reunião do corpo, produto da apreensão direta da imagem no espelho, que corresponde ao “eu ideal”, ou seja, a imagem ideal que se tem de si mesmo; a outra, o “ideal do eu” depende do olhar do Outro, ou seja, uma imagem ideal que se forma exterior ao espelho.

Chaumon (2004) ressalta, ainda, que a operação imaginária tem efeito simbólico, porque ao confirmar a imagem do filho, é como se ela lhe dissesse: “sim, tu és meu filho e teu lugar está inscrito numa genealogia”. Assim, por meio do discurso sem palavras, encenado pelo olhar, o filho acessa a palavra. A imagem dar um lugar exterior ao corpo para poder perceber-se como eu (*je*). Mas tal imagem é também o ego, ou seja, a representação especular que doravante acompanhará o sujeito no registro do visível.

O olhar na cena pré-originária – o estádio do véu

Se no estádio do espelho fica claro a trama do olhar e os engodos operantes entre mãe e filho, resta saber se tudo começa a partir daí. Esta é a pergunta de

Assoun (1999): onde e quando o sujeito entra numa lógica do olhar? Lacan demarca o período de 6 aos 18 meses, para a operação do estádio do espelho, que corresponde à maturação da função de ver do bebê. Com base no exposto sobre o estádio do espelho, o Eu se organiza frente ao olhar do outro, mas numa fase de maturação do sistema visual na qual a criança já é capaz de capturar uma imagem como uma *gestalt*. No entanto, o olhar do Outro marca sua presença antes do momento de captura especular. Antes de a criança estar apta a capturar, com a visão, qualquer estímulo, este ou o olhar do Outro a capturam. Essa impressão primitiva de ser capturado pelo Outro permanece em nós na vida adulta. Há situações em que temos a impressão de alguém nos olhar mesmo quando estamos de costas para o outro; logo em seguida, voltamos nosso olhar para confirmar a impressão. Tais contextos confirmam a existência das impressões primitivas de que continuamos a ser capturados pelo outro.

Por tal razão, concordamos com a resposta de Assoun em relação à pergunta acima: o olhar se instala numa cena pré-originária – a da separação da mãe, a da perda de vista da mãe. É nesse momento que o olhar recebe sua privação primitiva de dor denominada o trauma escópico de origem. Ocorre aí uma espécie de terremoto corporal no qual o bebê realiza a vivência da ausência do Outro. Ele percebe a mãe se ausentar do seu campo visual assim como lhe fazer falta o olhar dela sobre ele. Trata-se, portanto, de algo pré-especular, e o tempo lógico inicial demanda um certo esforço em desvendá-lo, talvez para melhor compreender que na perversão reside a originária pulsão escópica, uma vez que o olhar atesta a falta e recorta a função própria do objeto *a*, permitindo uma verdadeira retórica da castração. É com e através do olhar que se instala o enigma do *phallus*.

Trabalhando também com a hipótese de uma organização pré-especular, Lacan indica uma nova versão do estádio do espelho – o estádio do véu – para também considerar o reconhecimento da falta no processo de reconhecimento do EU.

O véu, ao esconder, produz, ao mesmo tempo, a projeção da imagem e a atribuição de uma ausência. Isso significa dizer que atrás do véu está o objeto e o nada. O primeiro serve de alento para o segundo, pois cria a ilusão de preenchimento, parece nada faltar. Conforme Miller (2005, p. 310), Lacan toma o objeto fetiche como modelo paradigmático do que acontece com a imagem do corpo próprio no estádio do espelho, uma vez que tal imagem vem substituir a sensação de incompletude e falta, dando a ilusão de totalidade. Assim, o estádio do véu é uma versão renovada e precoce do estádio do espelho; ela acrescenta que por trás da imagem projetada no espelho, existe o nada. A reação de júbilo da criança diante de sua imagem no espelho deve-se não só ao fato de se reconhecer mas também ao fato de a imagem vir a preencher o vazio introduzido pela falta. Nesse caso, o espelho funciona como véu, porque que ele é campo de

ilusão, lugar de registro do engodo das imagens ideais introjetadas e sedimentadas pelo Outro.

Considerações finais

Diante do exposto, vê-se que a psicanálise tem, cada vez mais, voltado seu olhar para funções mais arcaicas da organização do aparelho psíquico, nas quais a pulsão escópica adquire uma importância fundamental na organização psíquica. É na trama dos olhares, Eu/outros, que o sujeito inscreve suas primeiras experiências de ser separado do Outro, volta-se para uma existência na alteridade e constitui um EU. À maneira de cada um experimentar a dança dos olhares determina um modo de funcionamento psíquico.

Referências

98

ASSOUN, Paul-Laurent. La jouissance em règle. Perversion et modernité. *Pátio – Psychanalyse. Inceste*. Paris: Éditions de l'éclat, n. 7, 1987.

_____. *Le pervers et la femme*. 2. ed. Paris: Anthropos, 1996.

_____. *O olhar e a voz. Lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz*. Trad. de Celso Pereira de Almeida. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

_____. *Le Fétichisme*. 2. ed. Paris: PUF, 2002.

_____. *Lacan*. Paris: PUF, 2003.

CHAUMON, Franck. *Lacan. La loi, le sujet et la jouissance*. Paris: Michalon, 2004.

DOR, Joel. *Estrutura e perversão*. Trad. de Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRA, S. S. O. *A interação mãe-bebê: os primeiros passos*. 1990. 224 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco.

FREUD, S. (1920). Más allá del principio de placer. In: *Obras Completas*. Trad. de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996, p. 1-62, v. XX.

_____. (1927). Fetichismo. In: *Obras Completas*. Trad. de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996, p. 141-52, v. XXI.

_____. (1940[1938]). Esquema del psicoanálisis. In: *Obras Completas*. Trad. de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996, p. 195-209, v. XXIII.

____ (1937). Construcciones em el análisis. In: *Obras Completas*. Trad. de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996, p. 255-70, v. XXIII.

____ (1937). Análisis terminable e interminable. In: *Obras Completas*. Trad. de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996, p. 213-69, v. XXIII.

____ (1938). La escisión del yo em el proceso defensivo. In: *Obras Completas*. Trad. de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996, p. 271-8, v. I.

GUTMAN, Anne. Le visage et la voix. In: GUTMAN, A. *Le Visage et la Voix*. Paris: Press Éditions, 2004, p. 13-26.

HUOT, Hervé. *Do sujeito à imagem. Uma história do olho e Freud*. Trad. de Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1991.

LACAN, Jacques. *O seminário. Livro II. Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Versão brasileira de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

____ O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 96-103.

____ Nota sobre a criança. In: *Outros escritos*. Trad. de Vera Ribeiro, versão final de Angelina Harari e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 369-70.

____ Maurice Merleau-Ponty. In: *Outros escritos*. Trad. de Vera Ribeiro, versão final de Angelina Harari e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 183-92.

MERLEAU-Ponty, Maurice (1945). *Fenomenologia da percepção*. Trad. de Reginaldo di Piero. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S. A., 1971.

MILLER, Jacques-Alain. *Silet. Os paradoxos da pulsão, de Freud a Laca*. Trad. de Celso Rennó Lima. Texto estabelecido por Angelina Harari e Jésus Santiago. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

QUEIROZ, Edilene F. *A clínica da perversão*. São Paulo: Escuta, 2004.

SCIARA, Louis. J'ai une passion de l'oeil. *Cahiers de l'Association Freudienne Internationale. Qu'appelons-nous perversion?* Paris, p. 100-10, jan./1999.

SOLER, Colette. *Ce que Lacan disait des femmes*. Paris: Éditions du Champ lacanien, 2004, p. 117.

SZCZESNIAF, K. Palavras-relâmpago. Como aprendemos e ulitizamos nosso vocabulário. *Ciência Hoje*. Revista de divulgação científica da SBPC, v. 35, n. 207, p. 16-20, ago./2004.

Resumo

Men's thinking occurs essentially by means of optical images with no chance of one being identified without the looking of the Other. This paper emphasizes the importance of first visual impressions on psychic organization of the speaker. Even before acquiring speech the child is able to see and to integrate the apprehended impressions through the relation with the Other. Considering the eye as the means of apprehending reality, looking is the first object of desire and may be considered as the first object to exist in mother-child relation. This paper argues the post Freudian authors positions in discoursing the function of looking as anticipation in the construction of self.

Key words: Looking, scopic instinct, stadium of the mirror, stadium of the veil